# O URUGUAI ENTRE ARMAS E URNAS: AS RELAÇÕES DOS TUPAMAROS COM A FRENTE AMPLA NO PRINCÍPIO DOS ANOS 1970

## URUGUAY BETWEEN WEAPONS AND BALLOT BOXES: THE RELATIONS OF TUPAMAROS AND BROAD FRONT IN THE EARLY 1970S

André Lopes Ferreira*

**Resumo:** As eleições presidenciais de 1971 no Uruguai aconteceram em meio a um cenário de crise institucional e política. O governo autoritário de Jorge Pacheco Areco, bem como a violência armada do *Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros*, levaram a sociedade uruguaia a uma polarização ideológica sem precedentes na recente história do país. Nesse contexto, a Frente Ampla, coalizão de partidos e grupos de esquerda, surgiu condenando tanto as medidas discricionárias do Executivo como a luta armada, propondo uma saída democrática e legal para a situação. Apesar disso, em diferentes oportunidades, a aliança manteve vínculos clandestinos com a guerrilha por meio de alguns de seus integrantes como o *Partido Comunista* e o *Movimento de Independentes 26 de Março*. Oficialmente a nova força defendia o acesso ao poder através do voto e o respeito à constituição, enquanto, secretamente, dialogava com o grupo armado gerando ambiguidades e suspeitas a respeito dos propósitos da organização. No presente artigo são analisadas as relações de determinados setores da Frente Ampla com os guerrilheiros *Tupamaros*, bem como as tensões e desgastes internos gerados por esse relacionamento.

**Palavras-chave:** Uruguai, Frente Ampla, Tupamaros, luta armada.

* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor do Instituto Educacional do Estado de São Paulo/UNIESP. E-mail: alfunesp@bol.com.br

**Abstract:** The 1971 presidential elections in Uruguay took place amid a backdrop of institutional and political crisis. The authoritarian government of Jorge Pacheco Areco, and the armed violence of the *National Liberation Movement - Tupamaros*, led the Uruguayan society to an unprecedented ideological polarization in the recent country's history. In this context, the Broad Front, coalition of leftist parties and groups, emerged condemning both the discretionary actions of the Executive and the armed struggle, proposing a democratic and legal exit to the situation. Nevertheless, in different opportunities, the alliance maintained clandestine connections with the guerrillas through some of its members as the *Communist Party* and the *Movement of Independent 26 March*. Officially the new force advocated access to power through the vote and respect the constitution, while, secretly, talked with the armed group generating ambiguities and suspicions about the purposes of the organization. In this paper we analyze the relationship between certain members of the Broad Front with the *Tupamaros* guerrillas, as well as the internal strains and wear generated by this relationship.

**Keywords:** Uruguay, Broad Front, Tupamaros, armed struggle.

## A criação da Frente Ampla

A Frente Ampla – FA, coalizão de partidos e grupos de esquerda uruguaios, surgiu no início de 1971 como resultado de longas negociações e um abrangente acordo político-partidário. A nova força agregava comunistas, socialistas, democrata-cristãos e segmentos progressistas que haviam rompido com os partidos Colorado e Nacional (Blanco), as duas principais legendas do país naquele contexto.

Cumpre ressaltar que a discussão acerca da unidade de esquerdas no Uruguai existia de forma incipiente pelo menos desde 1955, mas estava restrita apenas às organizações marxistas[1]. Desde então, em várias oportunidades, o *Partido Comunista del Uruguay* – PCU tentou sem resultado se aproximar de lideranças do *Partido Socialista* – PS, sugerindo em princípio somente a coordenação de métodos de trabalho entre ambos os grupos e não um ajuste no campo eleitoral. Mais tarde, nas eleições nacionais de 1962 bem como na disputa de 1966, PCU e PS voltariam a se envolver em novos debates e polêmicas sobre uma possível união de forças, mas sem chegar a bom termo.

O projeto unitário ganhou força quando, a partir de 1968, vieram à tona os primeiros capítulos de uma escalada autoritária iniciada pelo gover-

[1] Rodney Arismendi, eleito Secretário Geral do Partido Comunista do Uruguai no XVI Congresso da organização em 1955, apresentou nessa oportunidade um informe cujo teor era claramente direcionado à política de frentes, um desdobramento de uma orientação do Movimento Comunista Internacional inaugurada ainda nos anos 30 pelo Comintern. Ver: Informe del Comité Nacional al XVI Congreso del Partido Comunista. Comisión Nacional de Propaganda. Montevideo, setiembre de 1955 (ARISMENDI, 1999, p. 20).

no do presidente Jorge Pacheco Areco, o qual assumira o posto com a morte do primeiro mandatário, o colorado Oscar Gestido[2]. A adoção das *Medidas Prontas de Seguridad*, que suspendiam garantias e direitos individuais básicos, abriu caminho não somente para a repressão dos movimentos políticos e sociais de oposição, como também permitiu ao Executivo implementar políticas de extrema liberalização econômica, atingindo principalmente os setores assalariados que há vários anos já sofriam com a estagnação do mercado interno uruguaio.

Concomitantemente, grupos armados de extrema-esquerda mobilizavam mais e mais adeptos realizando ações imediatamente respondidas pelas forças policiais. Essa polarização, traduzida no abuso das leis, na proscrição de partidos e organizações políticas e no aumento da violência de lado a lado, levou o *Partido Demócrata Cristiano* – PDC a conclamar, em meados de 1968, a formação de uma grande força oposicionista como saída legal para a grave situação.

Destarte, defendendo posições ideológicas diferentes, mas convergindo quanto à necessidade de unificarem-se no plano eleitoral, o Partido Democrata Cristão, o Partido Comunista do Uruguai, o Partido Socialista, bem como vários grupos progressistas egressos dos partidos majoritários, travaram longas discussões desde junho de 1968 até o fim de 1970 em busca de uma fórmula que permitisse a coligação entre todos. Ao final desse período, superando dificuldades de diversas naturezas, acertaram os termos para a constituição da Frente Ampla, formalizada em 5 de fevereiro de 1971.

Diante das circunstâncias em que se deram os debates anteriores ao surgimento da coalizão, pode-se considerar a hipótese de que a FA resultou de uma estratégia bifronte dos partidos minoritários e grupos progressistas. Bifronte porque se opunha ao autoritarismo do Partido Colorado, encarnado pelo setor do presidente Jorge Pacheco Areco e, ao mesmo tempo, oferecia uma alternativa política de esquerda – dentro de uma perspectiva democrático-eleitoral – à violência armada dos Tupamaros.

## Os Tupamaros entram em cena

Ao iniciar 1968 a estável democracia uruguaia enfrentaria desafios – sobretudo a violência política – desconhecidos desde pelo menos o advento

[2] "En marzo de 1967 había asumido la Presidencia el general (retirado) Oscar Gestido, candidato victorioso en las elecciones del año anterior con el apoyo de un heterogéneo espectro de fracciones coloradas. Su breve período de gobierno (moriría en diciembre de ese mismo año, accediendo a la primera magistratura su compañero de fórmula Jorge Pacheco Areco) se caracterizó por la evolución errática de las políticas (oscilantes entre posiciones de cuño desarrollista y fuertes giros a la ortodoxia fondomonetarista) y por la irrupción de nuevas señales de conflictividad en las relaciones entre el gobierno y los sindicatos. Aun antes de la muerte de Gestido, el desgaste político del nuevo gobierno resultaba por demás visible, erosionándose fuertemente sus bases" (CAETANO; RILLA, 1996, 149-150).

e consolidação do batllismo[3] em princípios do séc. XX. A gama de interpretações a respeito desse processo é bastante grande e variada, mas sempre é destacado o desgaste interno do sistema partidário. Coincide-se também no diagnóstico de que grande parte da crise político-institucional se deve à entrada em cena de elementos até então inexistentes ou marginalizados das instâncias de poder decisórias, como por exemplo, a guerrilha urbana e as próprias forças armadas.

O cientista político Luis Costa Bonino (1985) assinala a estreita ligação entre o que chamou de *Crise dos partidos tradicionais e o movimento revolucionário no Uruguai*. Para o autor, Tupamaros e Exército devem ser considerados como *movimientos antisistema* ou *contrasistema*, uma vez que questionavam as premissas que vinham pautando o funcionamento da democracia até aquele momento. Nesse mesmo sentido, entende que a crise do sistema partidário teve como efeito o aumento de um tipo de *alienação política* que tornava fértil o terreno para esses movimentos, fazendo irromper projetos alternativos de poder. (COSTA BONINO, 1985, p. 46)

Em outro esforço de interpretação, Francisco Panizza, também politólogo, assinala o aparecimento de elementos desafiantes que, segundo ele, se posicionavam tanto interna quanto externamente ao sistema político:

> Desde el interior de la formación política, Pacheco buscó un realineamiento político centrado en el fortalecimiento del Ejecutivo y el debilitamiento de las maquinarias partidarias. Desde afuera el desafío surgió desde lados opuestos del espectro político a través de los Tupamaros y los militares. En este proceso, mientras que la violencia política mostró en forma dramática los límites del antiguo consenso, la lucha ideológica, tradicionalmente considerada como "poco importante" en la política uruguaya, adquirió una nueva centralidad (PANIZZA, 1990, p. 124-125).

Os historiadores Gerardo Caetano e José Rilla seguem o mesmo caminho dos autores já citados, acrescentando que a crise do sistema político-partidário atacava diretamente os fundamentos da *partidocracia*[4] uruguaia

[3] José Batlle y Ordóñez, presidente da República pelo Partido Colorado entre 1903 e 1907 e depois no período de 1911 e 1915, promoveu no Uruguai o que a historiografia convencionou chamar de *primeiro impulso reformista*, adotando políticas de signo modernizador, urbano e industrial, baseadas principalmente na atuação do Estado como agente econômico e mediador de conflitos. Tomou medidas nitidamente anticlericais durante seus dois mandatos, traduzidas em uma rigorosa defesa da laicidade nos assuntos públicos, sobretudo no sistema de ensino. Sob o comando de Batlle y Ordóñez um importante setor do coloradismo – mas não todo o partido – advogou um ideário claramente reformista em contraposição às estruturas político-culturais vigentes no país desde o séc. XIX. Em torno de sua figura e ideias consolidou-se uma corrente partidária que marcou presença durante décadas na política nacional, o batllismo (FREGA, 2007, p. 31; SOUZA, 2003, p. 128).

[4] A *partidocracia*, ou *partidocentrismo* no Uruguai, pode ser entendida como a exclusividade das organizações partidárias no que diz respeito à condução dos assuntos de Estado. Romeo Pérez

e os limites conformados em seu entorno. Em outras palavras, a *matriz política* que há décadas formava e informava a sociedade era solapada em seus fundamentos sem que houvesse meios de conter esse processo. Os partidos, pela *primeira vez*, perdiam a *centralidade* no Uruguai moderno. (CAETANO; RILLA, 1996, p. 154-155)

Existe uma considerável produção escrita a respeito do MLN-T, *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros*, sendo a maioria composta por memórias de antigos militantes (TORRES, 2002), publicações do próprio movimento (TUPAMAROS, 1989; Trinta perguntas.., 2003), textos jornalísticos (VERA; MERCADER, 1970) e alguns poucos trabalhos acadêmicos feitos mais recentemente (ALDRIGHI, 2001; REY TRISTÁN, 2005; CABRAL, 2007). Dentre as memórias, as mais conhecidas são as de punho de Eleuterio Fernández Huidobro (2006)[5], bem como as de Mauricio Rosencof em parceria com Huidobro (2005)[6], sendo ambos integrantes históricos do grupo armado.

Nos trabalhos analíticos, uma das questões mais espinhosas ao se tratar da guerrilha tupamara diz respeito ao surgimento da organização em um país que na época não apresentava condições propriamente favoráveis para isso. As origens do movimento – que tanto nos depoimentos de ex-membros do MLN-T quanto nos textos acadêmicos remonta a 1962[7] – se deram em um contexto no qual havia plena liberdade. Portanto, as hipóteses que concebem a luta armada exclusivamente como uma reação à falta de democracia política nos regimes autoritários não podem ser aplicadas.

Dessa forma, há interpretações que tendem a explicar a aparição do *Coordinador*, grupo que mais tarde se transformou nos Tupamaros, não apenas por condicionantes *endógenos*, mas também *exógenos* à sociedade uruguaia, com especial ênfase ao papel da Revolução Cubana naquela conjuntura. (CABRAL, 2007, p. 156) Ainda sobre a importância do exemplo cubano para o movimento, sobretudo para sua concepção estratégica, no documento *Trinta perguntas a um tupamaro* de 1968 o próprio grupo afirmava:

---

Antón, José Rilla e Gerardo Caetano publicaram conjuntamente em 1987 um artigo muito citado para a compreensão desse fenômeno. Em **La partidocracia uruguaya**. *Historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos*, os três autores discutem uma série de hipóteses quanto ao protagonismo partidário. "En efecto, esa centralidad de los partidos uruguayos como actores políticos dominantes constituye una línea de larga duración de nuestra historia y una clave configuradora de nuestra política" (CAETANO; RILLA, PÉREZ ANTÓN 1987, p. 41).

[5] A primeira edição do texto foi publicada em três tomos entre 1986 e 1987 no contexto da reabertura política após o fim da ditadura.

[6] Publicado originalmente em três tomos entre 1987 e 1988.

[7] Luis Costa Bonino indica 1963 como o ano de surgimento do grupo. (COSTA BONINO, 1985, p. 53)

> Cuba é um exemplo. Em vez do longo processo de formação do partido de massas, instala-se um foco guerrilheiro com uma dúzia de homens, e esse fato gera consciência, organização e condições revolucionarias que culminam com uma verdadeira revolução socialista. Ante o fato revolucionário consumado, todos os revolucionários autênticos são obrigados a não ficar para trás (Trinta perguntas a um tupamaro, 2003).

Quanto ao Uruguai não apresentar condições propícias ao surgimento da luta armada, as explicações para a irrupção desse movimento devem ser buscadas nos seus propósitos iniciais. O *Coordinador*, quando de sua criação, não tinha como objetivo o enfrentamento direto ao regime como tantos outros grupos guerrilheiros da América Latina na mesma época; isto é, não havia no embrião do MLN-T um caráter ofensivo por assim dizer. A organização se prestava muito mais a um papel de defesa dos movimentos de massa[8] que começavam a ser reprimidos como nunca haviam sido. (ALDRIGHI, 2001, p. 73)

Desde a formação do *Coordinador* até aproximadamente 1965, os diversos quadros políticos que integravam o movimento – muitos dos quais do Partido Socialista – se tornaram cada vez mais independentes de suas organizações de origem, o que abriu caminho para a consolidação do MLN-T ou, simplesmente, os Tupamaros[9], como ficaram internacionalmente conhecidos os guerrilheiros uruguaios.

Com o passar do tempo e a crescente autonomização do grupo, a característica defensiva que havia marcado o *Coordinador* deu lugar a uma postura mais ativa e ousada por parte dos integrantes do MLN-T*;* no fundo, uma negação da política retórica dos partidos majoritários e mesmo do que então se chamou de *Izquierda verbalista* (VERA; MERCADER, 1970, p. 24-25). Nesse ínterim, o caráter militarista da organização se tornou hegemônico e o enfrentamento com o regime a palavra de ordem. Tratava-se agora de mostrar *fatos contra palavras* (MARTÍNEZ MORENO, 1971, p. 435).

[8] "Um tema de polêmica inicial refere-se ao surgimento do movimento como "socialista" desde seus primórdios, ou um grupo de autodefesa que, posteriormente, evoluiu para essa corrente ideológica. Variadas são as contradições nesse sentido, mas tomamos por possível a versão de seu início como grupo de autodefesa, vistas as características que o *coordinador* possuía e as manifestações de seus principais líderes." (CABRAL, 2007, p. 156-157)

[9] A escolha do nome da organização revelava muito de sua natureza política, já que se pretendia demonstrar com ele o enraizamento e a dimensão latino-americana na qual os fundadores queriam inscrever sua luta revolucionária. Segundo Costa Bonino: "El nombre tupamaro proviene de Tupac Amaru, el jefe inca que a fines del siglo XVIII dirigió una sublevación contra el dominio español. Después de la derrota del movimiento y la ejecución de su jefe, los españoles llamaban peyorativamente 'tupamaros' a todos los miembros de grupos rebeldes, particularmente los comprometidos en movimientos de independencia. En Uruguay, por entonces Banda Oriental, los seguidores del líder José Artigas, también recibían el nombre de tupamaros. La elección de este nombre para la organización guerrillera uruguaya tuvo entonces una significación histórica y simbólica." (COSTA BONINO, 1985, p. 53)

Principalmente a partir de 1968, atos de expropriação e sequestros políticos ficaram cada vez mais comuns (FAGÚNDEZ RAMOS; MACHADO FERRER, 1987, p. 53 e 69-70). Tais feitos, que na lógica da guerrilha eram concebidos como ações de propaganda armada, conquistavam a simpatia e muitas vezes o apoio de setores da classe média já desapontados com o sistema político tradicional. Ao mesmo tempo, porém, os Tupamaros despertavam aversão e temor em outros segmentos sociais mais suscetíveis à propaganda do governo (MARTÍNEZ MORENO, 1971, p. 435). Segundo Henry Finch, a *arma subversiva* de maior alcance utilizada pelo grupo foi talvez a exposição de casos de incompetência e corrupção administrativas, o que golpeava as autoridades em seu prestígio já em baixa. (FINCH, 2001, p.173)

Desde então, a radicalização do movimento dos Tupamaros teve como resposta o aumento imediato da repressão governamental, gerando um cenário político cada vez mais polarizado e tenso, algo desconhecido da maioria da população. O uso excessivo das *Medidas Prontas de Seguridad* na luta antisubversiva levou o presidente Jorge Pacheco Areco a comandar uma *verdadeira ditadura constitucional*. (LÓPEZ CHIRICO, 1985, p. 145)

**Tupamaros e frenteamplistas**

No decorrer de 1970 o projeto de unidade política que levou à criação da Frente Ampla desenvolveu-se quase integralmente. Mesmo que a oficialização da FA acontecesse apenas em fevereiro de 71, no ano anterior as negociações avançaram como nunca e os acordos políticos mais importantes foram feitos. Em meio a medidas excessivas do governo, como a intervenção no ensino secundário[10] e também de ações armadas de grande repercussão por parte dos Tupamaros, incluindo a morte de Dan Mitrione – agente americano ligado à tortura de esquerdistas[11] –, os interessados em forjar a aliança oposicionista pareciam esforçar-se em buscar ou mesmo criar as coincidências necessárias para tanto.

Antes do final daquele ano o número de adesões à nova força já era bastante grande e de maneira surpreendente também os Tupamaros decla-

[10] 12 de fevereiro de 1970: "El Poder Ejecutivo decreta la intervención de Enseñanza Secundaria y UTU, con Consejos Interventores. La crisis de la enseñanza se arrastraba desde años atrás, a través de distintos intentos del Ejecutivo por cercear su autonomía" (FAGÚNDEZ RAMOS; MACHADO FERRER, 1987, p. 100).

[11] 10 de agosto de 1970: "Aparece el cadáver de Dan Mitrione" (FAGÚNDEZ RAMOS; MACHADO FERRER, 1987, p. 109). Durante esse período o MLN-T passa a realizar os chamados *tribunales del pueblo*: "Fueron objetos de esta práctica el Inspector de Policía Héctor Morán Charquero (13 de abril de 1970), denunciado por infligir torturas durante los interrogatorios a los detenidos, y Dan Mitrione (10 de agosto de 1970), uno de los jefes del equipo de consejeros del Programa de Seguridad Pública dependiente de la Agencia Internacional para el Desarrollo." (BROQUETAS SAN MARTÍN, 2007, p. 179)

raram apoio à Frente Ampla. Embora fosse óbvio que não partilhavam dos mesmos *métodos* políticos, a direção do MLN-T debatia como expandir as bases sociais do movimento, inclusive com vistas a recrutar novos quadros e aproximar-se da coalizão poderia ser um dos caminhos para isso. (ALDRIGHI, 2001, p. 105)

Os Tupamaros, é claro, não participaram da fundação da FA, mas pouco tempo depois, por meio de uma espécie de braço legal, o *Movimiento de Independientes 26 de Marzo* – MI 26 de Marzo, entraram na aliança sem, no entanto, apresentar candidatos às eleições. Em sua declaração de apoio lia-se:

> 4) El Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros) entiende positivo que se forje una unión de fuerzas populares tan importantes aunque lamenta que esta unión se haya dado precisamente con motivo de las elecciones y no antes. […]
>
> 5) Mantenemos nuestras diferencias de métodos con las organizaciones que forman el frente y con la valoración táctica del evidente objetivo inmediato del mismo: las elecciones. Sin embargo, consideramos conveniente plantear nuestro apoyo al frente amplio (Tupamaros. *Marcha*, 1971).

Cabe lembrar que o *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros* declarou apoio à aliança de esquerda antes ainda de sua oficialização no início de 1971, além de decretar uma espécie de trégua armada para que as eleições acontecessem. O que em princípio pode soar contraditório – um grupo guerrilheiro apoiando uma alternativa eleitoral –, me parece mais um indício da predominância dos partidos políticos no Uruguai de então; em outras palavras, mesmo uma força que agia fora do universo partidário acabou, ainda que sem lançar candidatos, participando na órbita de um ator político concebido dentro das regras do jogo democrático.

Confrontados com a realidade, os Tupamaros trataram de não se isolar completamente em vista do fenômeno eleitoral. Percebia-se que o voto, apesar da decadência do sistema, canalizava a participação quase absoluta dos uruguaios, fato que não se podia ignorar. A partir daí o Movimento 26 de Março foi o canal utilizado para manter um vínculo mais próximo com os simpatizantes da luta armada e, ao mesmo tempo, propiciar uma espécie de dupla militância, já que permitia aos membros que ainda não estavam na clandestinidade diligenciar dentro do universo da política legal[12].

[12] Segundo Eduardo Rey Tristán, embora não se possa afirmar que o MI 26 de Março era completamente dirigido pelos Tupamaros, tampouco é possível dizer o contrário: "[...] El peso de los miembros de la dirección del <<26>>, sus propias características, y el sentido que podía tener en la estrategia tupamara hacían que fuese así. […] Las coincidencias ideológicas eran muy importantes, como si puede apreciar en los discursos de los miembros del <<26 de Marzo>> o en las posturas por ejemplo respecto al valor que se le daba a la contienda electoral

O *apoio crítico* do MLN-T à Frente Ampla (COSTA BONINO, 1995, p. 211), substancializado no *Movimiento de Independientes 26 de Marzo*, seguramente contribuiu para o aumento da mobilização popular em torno da aliança. Principalmente nos Comitês de Base frenteamplistas, onde o grupo exerceu uma presença marcante[13], organizou-se um grande trabalho de massas (ALDRIGHI, 2001, p. 106), o que na verdade refletia muito bem as intenções de seus dirigentes, já que seu foco principal não eram as eleições[14].

Essa adesão, contudo, criava uma série de inconvenientes para a FA. A prédica oficial da coalizão, como é sabido, passava pela defesa incondicional da democracia e dos meios ordinários de acesso ao poder, e o contato com os Tupamaros, mesmo que indireto, colocava esse discurso em estado de permanente suspeição. Em entrevista a Marta Harnecker nos anos 90, um dos principais gestores Frente Ampla, Juan Pablo Terra, afirmou:

> [...] Eso no dejó de tener problemas, porque apenas el Frente se formó, los Tupamaros y otros grupos guerrilleros, trataron de colarse en él. En las posiciones en que estaban no podían hacerlo, pero lo hicieron en forma encubierta con el Movimiento 26 de Marzo y nos trataron de enloquecer permanentemente radicalizando los movimientos, las acciones, los actos. Ese fue un terreno muy difícil donde tratamos, incluso con la colaboración muy importante del Partido Comunista, de evitar eso, pero no se logró. La verdad es que estropearon bastante la estrategia (HARNECKER, 1995, p. 36).

Entendia-se que a legalidade era um valor muito caro para a cultura política uruguaia, e que qualquer questionamento a esse valor durante um processo eleitoral acarretaria em uma derrota tão desastrosa quanto certa. Posteriormente, o General reformado Liber Seregni, candidato à presidência pela FA, declarou a seu biógrafo que

como elemento de cambio. No era preciso entonces un control estricto por parte del MLN-T. Es posible que en este sentido la influencia de la organización guerrillera en el Movimiento fuese más política e ideológica que directa en lo que a estructura y dirección se refiere." (REY TRISTÁN, 2005, p. 360)

[13]"El '26 de Marzo' reconoce objetivamente esa pluralidad de caminos, *pero ha escogido, y lo señala muy particularmente, el de la actividad política en los comités de base del Frente Amplio*, que si bien no se agota en lo electoral, pasa necesariamente por el meridiano del 28 de noviembre. […]" El "26 de Marzo" y las elecciones. *Marcha*, Montevideo, p. 5, 5 nov. 1971. (Grifo meu)

[14]Em um folheto assinado por Mario Benedetti, um dos principais expoentes da organização, o escritor asseverava que a luta política transcendia às eleições: "[...] Para el Movimiento 26 de Marzo, la contienda electoral es eso: una contienda, una batalla más de las luchas que se han librado y se van a librar; pero por supuesto no es toda la guerra, no es toda la dura guerra entre pueblo y oligarquía. Esta batalla se podrá ganar, claro que sí, pero la guerra la tenemos que ganar, estamos seguros de ganarla. Y no sólo porque la historia nos ayuda, sino porque hemos decidido ayudar a la historia, que es una forma de ayudarnos a nosotros mismos […]." Mario Benedetti: "Hemos decidido ayudar a la historia". El 12 con las bases en lucha, un acto para todo el Frente Amplio. dez. 1971. INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIALES. *Partidos políticos y clases sociales en el Uruguay.* Aspectos ideológicos. Montevideo: FCU, 1972, p. 181.

> [...] Eran estrategias diferentes; nosotros apostábamos a las reformas estructurales a partir de la movilización popular y nos definimos desde el comienzo como una fuerza pacífica. Después, cuando el accionar de los tupamaros tuvo un cambio cualitativo, sus acciones entorpecían nuestros esfuerzos por involucrar a todos los actores en un verdadero proceso de pacificación. *En realidad, el MLN se constituyó en un serio obstáculo para el crecimiento del Frente. A cada triunfo del movimiento popular sucedía una acción violenta del MLN*. […] (BLIXEN, 1997, p. 71. Grifo meu)

Durante a campanha eleitoral de 71, porém, Seregni se posicionava de forma que em sua fala a guerrilha aparecia como um sintoma de algo anterior, o resultado de violência social e da política repressiva do governo. Quando em uma entrevista Eduardo Galeano lhe perguntou se os Tupamaros podiam ser definidos como *terroristas*, respondeu:

> Los tupamaros son un movimiento revolucionario que acude a diversas formas de lucha, que incluyen las formas terroristas. Pero la palabra *terrorismo* no basta en modo alguno para definirlos. Hace ya tres años, cuando yo era jefe de la Región Militar nº 1, *sosteníamos que los tupamaros eran la expresión de un fenómeno social. Había que buscar sus raíces profundas; no se los podía combatir como a simples delincuentes*. No se entendió así. El gobierno prefirió ignorar la magnitud del fenómeno. Es el problema de la jirafa: "Esse bicho não existe", como dicen los brasileños. (GALEANO *apud* CAETANO, 2005, p. 213) (Grifo meu)

Naquele contexto Liber Seregni se posicionou diversas vezes contra a violência política[15] e insistiu na *vocação pacificadora* da Frente Ampla, mas sua censura ao MLN-T era sempre atenuada, pois ao mostrar as *raízes profundas* daquele fenômeno era como se de certa forma o estivesse legitimando[16]. O Plenário Nacional da organização também corroborou essa

[15] Assim como as ações da extrema esquerda não eram por ele explicadas em termos simplistas, tampouco subestimou as razões da violência de extrema direita, buscando também compreender suas motivações: "Hoy las fuerzas represivas están asentadas dentro de los mismos liceos. Su máscara visible es la JUP. Pero discrimino en ésta a los jóvenes adestrados para la violencia y el ataque físico, de los jóvenes honestos arrastrados a combatir a un enemigo fantasmagórico – el Frente Amplio –, al que, a corto plazo, tendrían que reconocer como la única vía para sus idealismos trascendentes." Discurso de Seregni en el barrio montevideano de Belvedere, el 11 de junio de 1971. 11 jun. 1971. Ibidem., p. 124.

[16] O fato de não condenar taxativamente a guerrilha acabaria gerando, após as eleições, uma polêmica entre Seregni e o Centro Militar das Forças Armadas. Essa organização cobraria um posicionamento do candidato extrapolando suas funções, as quais não incluíam esse tipo de diligencia. Assim, a atitude do Centro Militar parecia ser muito mais política que de ordem estritamente disciplinar. Ao inquirir Liber Seregni dizia-se: "[...] Públicamente la organización denominada "Tupamaros" manifestó su apoyo al conglomerado político que Ud. encabeza. No habiéndose Ud. expedido al respecto, salvo manifestando que tal actitud fue un hecho unilateral, *implícitamente estaría admitiendo y aceptando tal apoyo, materializado por una organi-*

perigosa ambiguidade; repudiava o *terrorismo* como *caminho* para resolver os problemas nacionais, só que em seguida afirmava:

> Porque la raíz de la violencia está en la injusticia del actual régimen, que condena a los trabajadores, a los estudiantes, a los educadores e intelectuales, a los pequeños y medianos productores y comerciantes, a los jóvenes, a las mujeres, a los jubilados y pensionistas, al pueblo todo a sufrir privaciones que llevan a la miseria […]17

Para dificultar ainda mais a já difícil empreitada da unidade das esquerdas, na propaganda de alguns de seus adversários a FA era incluída na categoria dos *inimigos internos* e a exemplo dos guerrilheiros do MLN-T devia ser combatida. Essa estratégia foi utilizada pela *Unión Nacional Reeleccionista* e pela Lista 15, ambos os setores do coloradismo, e pelo grupo do Partido Nacional que apoiava a candidatura do militar conservador Mario Aguerrondo. Segundo Clara Aldrighi, os argumentos dessa *retórica* eram típicos da *tradição cultural* da extrema direita, ou seja, mostravam a sociedade como estando submetida a *forças ocultas*, *infiltrações* e *sabotagens* (ALDRIGHI, 2001, p. 38).

Hoje, nenhum dos protagonistas nega que a Frente Ampla manteve relações clandestinas com os Tupamaros; contudo, dizem que o tema gerava desentendimentos e que esses contatos se restringiam apenas a determinadas alas ou figuras da aliança. Os que pertenciam ao PDC, como Carlos Baráibar, são dos que assinalam essas diferenças internas: "En aquella época escribimos un documento llamado "Frente Amplio para unir al pueblo", en el cual planteábamos la estrategia del Frente Amplio y la inviabilidad de la lucha armada en Uruguay"(BARÁIBAR, 2008). Do mesmo modo, para Romeo Pérez, outro integrante da democracia-cristã,

> El Frente Amplio era alternativo de la guerrilla, si bien, no todos los grupos del Frente Amplio eran consecuentes con esa definición. El Partido Comunista tenía vínculos subrepticios, clandestinos con la guerrilla, el propio Seregni los tenía, y también Zelmar Michelini, ¡no toda la 99! Michelini. Pero no el PDC, que era anti foco, anti guerrilla, no Rodríguez Camusso, a pesar que estaba aliado a los comunistas, pero era anti foco, anti tupa, y no otros dirigentes importantes de la 99 como Hugo Batalla. Ahora, en su presentación política en el escenario político electoral era

*zación delictiva que es combatida por las fuerzas del orden y las Fuerzas Armadas*." "Una pretensión inaceptable de intromisión en mi vida política". Del Gral. Seregni al Centro Militar. *Ahora*, Montevideo, p. 2, 22 dez. 1971. (Grifo meu) Ver também: "No avalar con silencio un camino de ilegalidad". Del Gral. Licandro al Centro Militar. *Ahora*, Montevideo, p. 3, 22 dez. 1971; carta em que o também reformado General Victor Licandro sai em defesa do colega Seregni.

[17]Declaración del Plenario del Frente Amplio. 6 set. 1971. A.P.P. / FHCE. Volante, Fondo de Donaciones. Sección Donación Enrique Mena Segarra, Caja 4.

> un camino de masas, un camino en la legalidad, que defendía la legalidad contra el autoritarismo pachequista, no un desafío guerrillero, armado, foquista (PÉREZ ANTÓN, 2008).

Ao questioná-los sobre quais eram os vínculos da FA com a guerrilha sempre se chega a respostas como essas, quer dizer, de que não havia consenso, o que acredito não estar longe da realidade. Não se pode afirmar que a nova força tratava em conjunto com o MLN-T, e nem que todos fossem contrários ao caminho revolucionário. Segundo relato de José Díaz, na época alto dirigente do Partido Socialista:

> Entonces, volviendo a lo que tú planteaba, dentro del Frente había también sectores como el 26 de Marzo que eran simpatizantes, eran gente de la vida legal, sindical, universitaria, grandes personalidades como Mario Benedetti, Daniel Vidal, insospechados de ningún tipo de desviación violentista, eran demócratas sinceros, ellos representaban dentro del Frente Amplio una corriente de simpatía y, no digo de coincidencia total, pero de mucha coincidencia con el MLN, con la guerrilla. […] O sea que, en el 71 más o menos esa era la realidad a respecto de la lucha armada, y naturalmente el Frente se constituyo como una alternativa como decía Seregni, pacífica y pacificadora, que por la vía de la lucha electoral aspiraba romper el bipartidismo y ganar el gobierno para las fuerzas populares (DÍAZ, 2008).

Além das acusações que associavam FA e Tupamaros, muitos outros rumores envolvendo a organização correram o país ao longo de 1971. Dentre os mais alardeados estava a ameaça de um golpe militar e o não reconhecimento das eleições na hipótese de uma vitória frentista[18]. Ainda em outubro de 1970, quando a Frente Ampla sequer existia, Seregni declarava com *absoluta segurança* (SEREGNI, *apud* CAETANO, 1971) que as Forças Armadas respaldariam qualquer que fosse o resultado das votações do ano seguinte.

Com o desenrolar do processo, entretanto, o mesmo Liber Seregni se convenceu que a possibilidade de golpe deveria ser considerada, conquanto publicamente reafirmasse sua crença na manutenção das instituições legais pelo Exército (GALEANO apud CAETANO, 2005, p. 213). Embora afastado da caserna há quase três anos, o candidato falava como se ainda fosse um militar da ativa, um chefe que confia em seus subordinados. Ocorre que desde sua saída as Forças Armadas não eram mais as mesmas e, talvez, em sua composição interna já não prevalecessem os setores constitucionalistas como acreditava Seregni.

Tanto pior, esse clima conspiratório foi agravado pelo temor de uma intervenção estrangeira, como dava conta o editorial *Amenazas intervencio-*

[18] El gobierno y la violencia. *Marcha*, Montevideo, p. 15, 11 jun. 1971.

*nistas*, publicado em 10 de julho por *El Popular*[19], jornal do PCU. Tal receio se baseava em declarações dos presidentes do Brasil e Paraguai, Médici e Stroessner, os quais alegavam estar preocupados com a situação interna uruguaia no tocante à luta antiterrorista. O texto também fazia menção ao mandatário argentino Alejandro Lanusse, que em um encontro com Pacheco Areco se comprometeu a ajudar o *país amigo* caso fosse necessário.

Pouco depois veio à tona a famigerada *Operação trinta horas*, plano no qual o Exército brasileiro supostamente invadiria o Uruguai em caso de um triunfo eleitoral das esquerdas[20]. Ainda que não houvesse como confirmar a veracidade do plano à época – obviamente a ditadura no Brasil jamais o assumiria –, vários dos dirigentes da coalizão discutiram um esquema militarizado para resistir qualquer tentativa golpista, interna ou externa.

Elaborado secretamente, o *Plan* ou *Operación contragolpe* mostrava que o recurso às armas, se bem que em uma situação excepcional, estava nos horizontes da Frente Ampla; ou pelo menos era vislumbrado como legítimo por parte de seus integrantes. É claro que isso ia de encontro ao que era defendido nos palanques, uma oratória pacifista e de repúdio à violência. Em depoimento de 2002, Seregni disse:

> Había dos planes importantes… planes de contingencia muy importantes: por un lado, estaba la operación defensiva ante la amenaza de una invasión proveniente de Brasil; por otro lado, estaba la operación "Contragolpe", que se montó para prevenir la posibilidad de un golpe acá, interno, en caso de que triunfara el Frente Amplio. El plan "Contragolpe" era un plan como defensa ante una posibilidad… era un montaje preventivo frente a la posibilidad de un hecho interno (BUTAZZONI, 2002, p. 136)

[19]"El miércoles, los gorilas Garrastazú Médici y Stroessner volvieron a destacar, en encuentro oficial, su disposición a favor de una 'acción continental contra el terrorismo' y expresaron su preocupación por el Uruguay, 'sacudido por crisis internas' según expresan los cables" Amenazas intervencionistas. *El Popular*, Montevideo, p. 4, 10 jul. 1971.

[20]De acordo com Luiz Alberto Moniz Bandeira, em "[...] dezembro de 1971, o Uruguai outra vez esteve igualmente na iminência de sofrer a intervenção militar do Brasil. As tropas do III Exército, sediadas no Rio Grande do Sul, prepararam-se para o invadir, executando a Operação Trinta Horas (tempo necessário para a ocupação de todo o Uruguai), o que só não se concretizou porque o general Liber Seregni, candidato da Frente Ampla (partidos de esquerda e centro-esquerda), perdeu as eleições para os conservadores" (BANDEIRA, 2003)
Para Enrique Serra Padrós, a *operação* era de conhecimento de militares argentinos e da diplomacia americana: "Semanas antes da eleição, começaram a circular rumores sobre movimentação de tropas brasileiras na fronteira comum, o que foi associado à possibilidade de invasão em caso de vitória da Frente Ampla. Tal movimentação era conhecida em certos círculos militares do Brasil e da Argentina. O plano foi denominado "Operação Trinta Horas", pela estimativa de tempo necessário, segundo estrategistas militares, para subjugar Montevidéu e controlar o Uruguai. Desde agosto de 1971, o governo Nixon vinha examinando, através das suas embaixadas, a posição de Brasília e Buenos Aires diante de uma hipotética vitória eleitoral da esquerda uruguaia; indagava, também, sobre a existência de um plano brasileiro de intervenção e até onde este poderia contar com o apoio argentino." (PADRÓS, 2007)

Na eventualidade de que esse plano fosse posto em prática, parte de sua execução seria confiada aos Tupamaros, que alocariam seus efetivos no controle dos acessos terrestres à capital. Talvez tenha sido essa a ocasião em que a FA e os guerrilheiros estiveram mais próximos. Criou-se uma *comissão* em que participaram tanto *setores legalistas* das Forças Armadas quanto representantes do MLN-T e do Partido Comunista (ALDRIGHI, 2001, p. 103-104).

Tudo indica que a Democracia-Cristã, como outros membros frente-amplistas, não foi consultada e nem incluída nessas discussões, o que além de violar o acordo feito inicialmente pelo *Grupo dos cinco* – órgão que reunia os principais integrantes da aliança –, resultou em um sério desentendimento de cúpula às vésperas do pleito. Nas palavras de Romeo Pérez:

> […] Cuando el Partido Demócrata Cristiano se enteró del plan llamó la reunión de los cinco grupos ¡con Seregni! e hizo una denuncia violentísima, los acusó de deslealtad… Les dieron todos tipos de explicaciones: ¡no, no! no los llamamos a ustedes porque ustedes no tienen aparato militar. *¡Sí, pero somos conductores políticos! No tenemos porque no queremos tener aparato militar, porque nosotros estamos jugados a los métodos masivos dentro de la legalidad, una legalidad que está atacando Pacheco Areco, y que debemos defender, y no se defiende con las armas, sino con gente en la calle, con voto, con prédica política*… Entonces nosotros teníamos derecho a saber, porque eso es un disparate […] (PÉREZ ANTÓN, 2008) (Grifo meu)

No final dos anos 70, em pleno regime militar, o Comando Geral do Exército publicou um grosso volume sugestivamente intitulado *Testimonio de una nación agredida*[21], uma espécie de versão oficial da recente história uruguaia. Em um dos capítulos chamado *Plan copamiento*[22], há uma detalhada descrição de todo o planejamento e coordenação entre a Frente Ampla e os demais envolvidos naquele esquema de resistência[23]. Em todo o livro a esquerda é retratada como *golpista* e os militares vinculados a ela *traidores*; as Forças Armadas, em contrapartida, são apresentadas como guardiãs da liberdade.

[21] COMANDO GENERAL DEL EJÉRCITO. *Testimonio de una nación agredida*. Montevideo: División Publicaciones y Ediciones Universidad de la República, 1978.

[22] Ibidem., p. 261-271.

[23] Sobre resultado dessas eleições para a FA e a frustração do Plan contragolpe o texto afirma triunfalmente: "No ganaran en ningún lado. Ni en las ciudades donde confiaban en la masa obrera, ni en las zonas industriales del interior. Ni en el pueblo más paupérrimo. La repulsa fue general, a pesar que dificultaron hasta último momento el sufragio de quienes sabían que estaban contra suyo." […] "Y así fue que no se animaron a plantear ni siquiera el Plan Copamiento por temor a otra derrota similar en el terreno de los hechos. Por otra parte las urnas dijeron que no tenían apoyo popular ninguno y los militares traidores que serían los que debían dar voz de iniciar las hostilidades, no confiaron tampoco en las Centurias de papel y las huelgas y movilizaciones ofrecidas por los comunistas. […]" Ibidem., p. 270.

## Considerações finais

Se a FA prescindiu do apoio Tupamaro com suas armas – o *Plan contragolpe* nunca saiu do papel –, muitos dos simpatizantes do MLN-T ajudaram a unidade oposicionista nas urnas. Até o dia das eleições o MI 26 de Marzo continuou atuando firmemente no âmbito dos Comitês de Base, o que lhe valeu um discurso de Liber Seregni dirigido especialmente ao grupo em reconhecimento a seu empenho[24]. Em novembro, através de uma nota do semanário *Marcha*, a organização reiterava que não lançaria candidatos deixando a militância livre para votar de acordo com sua própria escolha[25]. Ao não declarar preferências eleitorais, pretendia-se frisar a independência do movimento e ao mesmo tempo esclarecer sua opção exclusiva pelo trabalho de base.

Assim, a Frente Ampla, que se organizou como uma alternativa tanto ao caminho armado como à Pacheco Areco, acabou contando com a participação direta ou indireta dos Tupamaros no contexto de sua primeira campanha política. Para se diferenciar da guerrilha, em que pese sua ligação com o MLN-T, a coalizão propunha simplesmente a defesa da via legal e a democracia participativa, e isso bastava; já a disputa com os partidos majoritários exigiu outra postura de suas lideranças, com a elaboração de um discurso propriamente voltado para a conquista de apoio e votos.

## Referências

### Fontes

BARÁIBAR, Carlos. **Carlos Baráibar:** depoimento [Nov. 2008]. Entrevistador: André Lopes Ferreira. Montevidéu, 2008. 2 arquivos de áudio. WVA (20 e 17 min).

COMANDO GENERAL DEL EJÉRCITO. **Testimonio de una nación agredida**. Montevideo: División Publicaciones y Ediciones Universidad de la República, 1978.

DÍAZ, José Enrique. **José Enrique Díaz**: depoimento [nov. 2008]. Entrevistador: André Lopes Ferreira. Montevidéu, 2008. 1 arquivo de áudio. WVA (58 min).

[24]Discurso de Seregni a militantes del Movimiento 26 de Marzo. [1971]. In: CAETANO (2005, pp. 227-231).

[25]El voto del 26 de Marzo. *Marcha*, Montevideo, p. 7, 26 nov. 1971.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL – TUPAMAROS. Trinta perguntas a um tupamaro. In: LÖWY, Michael (Org.). *O marxismo na América Latina*. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PÉREZ ANTÓN, Romeo. **Romeo Pérez Antón:** depoimento [Nov. 2008]. Entrevistador: André Lopes Ferreira. Montevidéu, 2008. 1 arquivo de áudio.WVA (1:49 min).

TUPAMAROS. **Marcha,** Montevideo, p. 7, 08 jan. 1971.

TUPAMAROS. **Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros**. 4. ed. Montevideo: YOEA, 1989.

**Bibliografia**

ALDRIGHI, Clara. **La izquierda armada.** Ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros. Montevideo: Ediciones Trilce, 2001.

ARISMENDI, Rodney. **La construcción de la unidad de la izquierda**. Montevideo: Fundación Rodney Arismendi, 1999.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Brasil e os golpes na Bolívia, Uruguai e Chile: 30 anos depois. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 28, setembro de 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28bandeira.htm>. Acesso em: 7 out. 2010.

BLIXEN, Samuel. **Seregni. La mañana siguiente**. Montevideo: Ediciones de Brecha, 1997.

BROQUETAS SAN MARTÍN, Magdalena. Liberalización económica, dictadura y resistencia. In: FREGA, Ana et. al. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: EBO, 2007, p. 163-210.

BUTAZZONI, Fernando. **Seregni-Rosencof. Mano a mano**. Montevideo: Aguilar, 2002.

CABRAL, José Pedro Cabrera. Trajetória do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros –, 1962-1973: algumas questões de identidade e poder. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, Porto Alegre, vol. XXXIII, n. 2, dezembro 2007, p. 156-171.

CAETANO, Gerardo (Coord.). **La fundación del Frente Amplio y las elecciones de 1971**. Colección Liber Seregni, Tomo I. Montevideo: Taurus, 2005.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José. El "ajuste autoritario" y el pachecato. In: PITA, Fernando (Coord.). **Las brechas en la historia.** Tomo I: Los períodos. Montevideo: Ediciones de Brecha, 1996, p. 149-165.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José; PÉREZ ANTÓN, Romeo. La partidocracia uruguaya. Historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos. **Cuadernos del CLAEH**, Montevideo, n. 44, 1987-4, p.43-61.

COSTA BONINO, Luis. **Crisis de los partidos tradicionales y movimiento revolucionario en el Uruguay**. Montevideo: EBO, 1985.

COSTA BONINO, Luis. **La crisis del sistema político uruguayo**. Partidos políticos y democracia hasta 1973. Montevideo: FCU, 1995.

FAGÚNDEZ RAMOS, Carlos; MACHADO FERRER, Martha. **Los años duros**. Cronología documentada (1964-1973). Montevideo: Monte Sexto, 1987.

FERNÁNDEZ HUIDOBRO, Eleuterio. **Historia de los Tupamaros**. Montevideo: EBO, 2006.

FERNÁNDEZ HUIDOBRO, Eleuterio; ROSENCOF, Mauricio. **Memorias del calabozo**. Montevideo: EBO, 2005.

FINCH, Henry. Uruguay, 1930-1990. In: BETHELL, Leslie (Ed.). Historia de América Latina. El cono sur desde 1930. Vol. 15. Barcelona: Crítica, 2001, p. 156-186.

FREGA, Ana. La formación de un modelo. 1890-1918. In: FREGA, Ana et. al. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: EBO, 2007, p. 17-50.

HARNECKER, Marta. **Forjando la esperanza**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 1995.

INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIALES. **Partidos políticos y clases sociales en el Uruguay**. Aspectos ideológicos. Montevideo: FCU, 1972.

LÓPEZ CHIRICO, Selva. **El Estado y las fuerzas armadas en el Uruguay del siglo XX**. Montevideo: EBO, 1985.

MARTÍNEZ MORENO, Carlos. Crepúsculo en arcadia: la institucionalidad y su derrumbe a la uruguaya. In: BENVENUTO, Luis et. al. **Uruguay hoy**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1971.

PADRÓS, Enrique Serra. Uruguai na mira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 19, abril 2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/impressao.php?id=560&pagina=5>. Acesso em: 7 out. 2010.

PANIZZA, Francisco. **Uruguay: batllismo y después**. Pacheco, militares y tupamaros en la crisis del Uruguay batllista. Montevideo: EBO, 1990.

REY TRISTÁN, Eduardo. **La izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973**. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad de Sevilla, 2005.

SOUZA, Marcos Alves de. **A cultura política do "batllismo" no Uruguai (1903-1958)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2003.

TORRES, Jorge. **Tupamaros**. La derrota en la mira. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2002.

VERA, Jorge de; MERCADER, Antonio. **Tupamaros***:* estrategia y acción. Barcelona: Editorial Anagrama, 1970.

*Artigo recebido em 27/04/2012, aceito 31/08/2012 e publicado em 20/12/2012.*